



SINDICATOS EM DAVOS: EMPREGO, O ELO PERDIDO

O emprego e os salários são indispensáveis para salvar a economia mundial da espiral de recessão em que se está a afundar. A Organização Internacional Trabalho (OIT) prevê que mais de 50 milhões de empregos serão suprimidos e que 200 milhões de pessoas irão confrontar-se com uma situação de pobreza extrema. Por outro lado, o Fundo Monetário Internacional (FMI) anuncia uma recessão mundial.

Segundo os dirigentes do movimento sindical internacional que participaram na reunião anual do Fórum Económico Mundial de Davos, a crise financeira mundial ameaça agora tornar-se uma bomba-relógio a nível social, se os governos não agirem concertadamente para salvar e criar postos de trabalho. Os sindicatos enviaram uma mensagem incisiva aos empresários presentes no Fórum, numa altura em que milhões de trabalhadores correm o risco de perder os seus empregos, as suas casas, as suas poupanças e as suas pensões. Esta situação é a consequência dos efeitos desastrosos de anos de desregulação e de ganância por parte das empresas na economia mundial. É urgente uma acção coordenada para que as economias recuperem, com os países do G20 na vanguarda.

“As empresas e os governos são responsáveis por esta crise, contudo não são capazes de a resolver senão agirem em conjunto com os sindicatos para parar a ‘hemorragia mundial do emprego’”

“No ano passado, em Davos, avisamos os empresários e os políticos da perigosa instabilidade da economia global. No entanto a maior parte estava mais interessada em continuar a colher os benefícios, a curto prazo, do modelo falido da desregulação e da especulação.

As empresas e os governos são responsáveis por esta crise, contudo não são capazes de a resolver senão agirem em conjunto com os sindicatos para parar a ‘hemorragia global do emprego, relançando a economia mundial e estabelecendo um quadro normativo”, afirmou o Secretário Geral da CSI, Guy Ryder. “Actualmente, algumas empresas pressionam os governos para que não lhes seja imposta nenhuma regulação e impedem qualquer possibilidade de recuperação pelo consumo, evitando a filiação dos trabalhadores nos sindicatos e a negociação de melhores salários”, acrescentou.

Nos debates com as instituições mundiais e os governos nacionais, a CSI, juntamente com os seus filiados nacionais e os parceiros sindicais mundiais, defende uma estratégia de recuperação e um conjunto de reformas, onde a principal prioridade é o emprego sustentável. Garantir os direitos à sindicalização e à negociação colectiva, assim como investir em programas dirigidos ao mercado de trabalho, devem constituir a base dos esforços a fim de que o consumo consiga reactivar as economias e impulsionar o seu crescimento.

Nas suas intervenções na reunião de Davos, os sindicatos apelaram para um conjunto de medidas no sentido de travar o colapso da procura global, através de:

- Reforço da coordenação da política de taxas de juro (com uma descida mais acentuada nos países europeus);
- Estímulos fiscais coordenados para manutenção e criação de postos de trabalho;
- Investimento em infra-estruturas para estimular a procura e preparar a recuperação;
- Um “Novo Acordo Verde” para fomentar os investimentos e os postos de trabalho amigos do ambiente;
- Acções de formação para a manutenção dos postos de trabalho durante a crise;
- Reforço das prestações de desemprego e de outros benefícios de protecção social;
- Investimentos em escolas, hospitais e cuidados de saúde para crianças e idosos;
- Medidas fiscais e orçamentais orientadas para os baixos rendimentos;
- Empréstimos urgentes do FMI para os países em desenvolvimento, sem condições de austeridade;
- Impulsionar a ajuda com vista à concretização dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio;
- Agir sobre a crise alimentar mundial.

“Testemunhamos três décadas de estagnação ou queda real dos rendimentos, enquanto que aqueles que ocupam os lugares cimeiros das empresas continuaram a receber salários e bónus totalmente desproporcionados e injustificados, mesmo aqueles que não cumpriram os resultados pretendidos”, declarou Guy Ryder.

Além da necessidade de uma acção rápida quanto a estas questões, o movimento sindical internacional propõe um novo quadro regulador para travar a especulação desenfreada e o mercantilismo financeiro, que estão na origem da crise global. Este quadro prevê que os governos nacionais deverão adoptar, igualmente, novas medidas mundiais que sustentem a regulação e garanta a sua coerência.

“Os governos precisam de agir em conjunto, tanto para estimular a procura como para apoiar a nova agenda para a regulação. O sucesso, imediato e a longo prazo, só poderá ser alcançado se os governos colocarem o direito à sindicalização e a negociação colectiva no centro das suas respostas à crise. Os sindicatos deverão sentar-se à mesa das negociações para garantirem que os interesses dos trabalhadores/as constituem o assunto prioritário das discussões, em vez das recentes práticas passadas dos governos, desequilibradas e destrutivas, que permitiram que os interesses financeiros e empresariais se sobrepujassem a tudo o resto”, acrescentou ainda Guy Ryder.

A declaração sindical exige ainda às empresas negociar com os sindicatos, a fim de salvar os postos de trabalho, aperfeiçoar competências, reduzir as emissões de carbono e reestruturar a indústria, estabelecendo-se, assim, as bases para a recuperação económica. Este objectivo deve ser alcançado através do diálogo social e da negociação colectiva ao nível nacional e, internacionalmente, por meio de acordos entre as multinacionais e as federações sindicais internacionais dos diferentes sectores.

CSI Emlinha – Davos, 29 de Janeiro de 2009

Nota: Tradução da responsabilidade da UGT, baseada nas versões francesa e inglesa.